



VOLUME - V.3  
NÚMERO - N.2  
DEZ. - 2025  
ISSN: 2966-1439  
P.146-155

## A POSIÇÃO DO EXILADO NOS *DIÁRIOS DE LEITURAS* ATRAVÉS DO TEMPO:

### OS CASOS INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE E BERTOLT BRECHT

THE POSITION OF THE EXILE IN *READING DIARIES* OVER TIME: THE CASES OF INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE AND BERTOLT BRECHT

Raíza Hanna Saraiva Milfont<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os diários de leituras atravessam o tempo e fazem das reações, diálogos e pensamentos instituídos através das leituras realizadas por seus autores um documento literário que redobra a opinião e, em especial, a posição sobre determinados temas. Quando esses diários estão atrelados às notícias de jornais, eles desembocam em uma posição histórica sobre o que se passa ou o que se passou no mundo. Esse é o caso dos autores Bertolt Brecht, com seu *Diários de trabalhos* (2004) e Inaldete Pinheiro de Andrade, com a obra *Escritos das Escravidões* (2021), onde, cada um a sua época, a sua nacionalidade, raça e temas específicos, fazem dessas leituras um diálogo com o seu tempo, na mesma busca em comum: a de repensar e remontar a História. Neste artigo, trazemos as teorias de Foucault (1983) sobre escritas de si e biopolítica, bem como as de Didi-Huberman (2017) sobre a posição do exilado, na intenção de averiguar o quão os autores e seus diários de leituras possuem aproximações, dados os seus afastamentos intrínsecos.

**Palavras-chave:** Escritas de si. Diários de leituras. Exílio. Inaldete Pinheiro de Andrade. Bertolt Brecht.

**ABSTRACT:** Reading diaries span time, transforming the reactions, dialogues, and thoughts formed through their authors' readings into literary documents that reinforce their opinions and, in particular, their stance on certain topics. When these diaries are linked to newspaper articles, they develop a historical perspective on what is happening or has happened in the world. This is the case of Bertolt Brecht, with his *Working Diaries* (2004), and Inaldete Pinheiro de Andrade, with her *Escritos das Escravidões* (2021).

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, da UFRJ. E-mail: raizahanna@gmail.com.

Each, in their own era, nationality, race, and specific themes, transforms these readings into a dialogue with their time, in the same shared quest: to rethink and reconstruct History. In this article, we bring Foucault's (1983) theories on self-writing and biopolitics, as well as Didi-Huberman's (2017) theories on the position of the exile, with the intention of investigating how the authors and their reading diaries have approximations, given their intrinsic distances.

**Keywords:** Self-writing. Reading diaries. Exile. Inaldete Pinheiro de Andrade. Bertolt Brecht.

## INTRODUÇÃO

Em suas *Letters à Lucilius* (1957), Sêneca lembra que é preciso ler mas também é preciso escrever (Sêneca, 1957 *apud* Foucault, 1983, p. 150), afinal é através da escrita que podemos condensar o entendimento das leituras que fizemos, ou ainda, podemos criar um elo de relação com aqueles textos que nos encham os olhos, sejam de admiração sejam de lágrimas de horror, é através da escrita que também podemos mostrar nossa indignação perante as notícias de jornais interagindo com elas, até que essa interação vire uma nova publicação. Este é o caso dos *Diários de trabalhos* (2004) de Bertolt Brecht e dos *Escritos das Escravidões* (2021) de Inaldete Pinheiro de Andrade.

Os dois autores, separados por nacionalidades, raças, classes sociais e épocas distintas, fazem — cada um a seu tempo e a seu modo de ler e interagir com as notícias de jornais — da sua escrita de si uma escrita do mundo e sobre o mundo, ou ainda, fazem da escrita do mundo a sua própria escrita de si, tanto faz, já que as memórias coletivas são reordenadas a partir de memórias pessoais, que surgidas como denúncias, podem subverter a lógica colonial (Rago, 2018), trazendo novas vozes e narrativas para o centro da História. Sêneca ainda insiste que “a prática de si implica leitura, pois não se poderia extrair tudo do seu próprio âmago nem se prover por si mesmo de princípios racionais indispensáveis para se conduzir” (Sêneca, 1957 *apud* Foucault, 1983, p. 149). Essa forma de interrelação com as leituras feitas, seja criando um texto longo e argumentativo, seja tecendo pequenos comentários sobre eles, é entendido como formas de realizar um diário de leituras, categoria esta ainda pouco estudada enquanto gênero literário, e mais estudada enquanto gênero didático, utilizado principalmente na teoria pedagógica e do ensino, bem como na mediação de leitura. Para Anna Raquel Machado (1998):

O diário de leituras é um texto no qual o leitor vai registrando, à medida que lê, da forma mais livre possível, sua compreensão, suas impressões pessoais, sentimentos, seus problemas de compreensão diante do texto que está lendo, as relações que vai estabelecendo entre os conteúdos do texto e seus conhecimentos e experiências pessoais, suas concordâncias e discordâncias (p. 26).

Portanto, para a autora, o *diário de leituras* é um registro onde leitor ou leitora pode, de certo modo, conversar com o(a) autor(a), ainda que não seja de forma bilateral, sobre o texto lido. Acredito que, a partir da publicação de um diário de leituras, este virando também livro, como é o caso das duas obras que aqui abordarei, essa conversa deixa de ser unilateral, pois se abre um novo espaço de diálogo no universo teórico-literário, abordado através de dialogismo e dialética.

Michel Foucault, no ensaio *A escrita de si* (1983), fala a respeito dos *hupomnêmata*, uma prática de si da Antiguidade Clássica que, a partir do encontro com o outro, de uma leitura ativa do outro, é capaz de produzir uma presença de si próprio, um encontro consigo mesmo.

[...] recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo. Tal é o objetivo dos *hupomnêmata*: fazer do recolhimento do *logos* fragmentário e transmitido pelo ensino, pela escuta ou pela leitura um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo mesmo tão adequada e perfeita quando possível (...) Na verdade, se a redação dos *hupomnêmata* pode efetivamente contribuir para a formação de si através desses *logoi* dispersos é principalmente por três razões principais: os efeitos de limitação devidos à junção da escrita com a leitura, a prática regrada do disparate que determina as escolhas e a apropriação que ela efetua (Foucault, 1983, 149).

Os *hupomnêmata*, respeitadas suas devidas proporções, assemelham-se aos diários de leituras, e sendo estas práticas ativas, elas buscam por ação para a vida prática.

Eles [os *hupomnêmata*] constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas: assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores. Formavam também uma matéria-prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram dados os argumentos e meios para lutar contra uma determinada *falta* (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a lisonja) ou para superar alguma circunstância difícil (um luto, *um exílio*, a ruína, a desgraça) (Foucault, 1983, p. 147-148, grifos meus).

Foucault mostra que mais do que somente anotações sobre leituras ou pensamentos que podem ocorrer durante a prática, essas escritas fornecem um material forte para “lutar contra uma determinada falta” ou para “superar alguma circunstância difícil” (Ibidem). Essa falta a que se refere Foucault era, na Antiguidade Clássica ou Greco-Latina — objeto de estudo que Foucault perseguiu, ainda que um trabalho seu, infelizmente, inacabado —, da ordem da ética, da subjetivação e da subjetividade.

Hoje, ao pesquisarmos os *diários de leituras*, como os de Inaldete Pinheiro de Andrade e de Bertolt Brecht, esta falta está mais na ordem do social e da política que os abrange. É, através destes diários, que Brecht, no começo do século XX, e Inaldete, no final do mesmo século e início do XXI, denunciam as faltas da sociedade como forma de lutar contra elas, bem como tentam superar certas circunstâncias difíceis, e, em ambos os casos, o exílio aparece como tema central, ainda que este exílio seja entendido de maneiras distintas para cada autor.

## **1 BERTOLT BRECHT E SEU *DIÁRIO DE TRABALHO***

O *Diário de trabalho* de Brecht surge como um compilado de pequenos epigramas construídos a partir de notícias e imagens de jornais, entre os anos de 1938 a 1955. Brecht realiza tal atividade em plena Segunda Guerra Mundial e no seu pós-guerra imediato, e mais importante ainda, o faz a partir de sua posição de *exilado* da Alemanha nazista, fugido de lá por conta de sua política de esquerda.

[...] seu exílio começa em 28 de fevereiro de 1933, imediatamente após o incêndio do Reichstag. A partir deste momento, ele erra de Praga a Paris e de Londres a Moscou; estabelece-se em Svendborg, na Dinamarca; passa por Estocolmo; atinge a Finlândia; reparte para Leningrado, Moscou e Vladivostok; fixa-se em Los Angeles; detém-se em Nova York; deixa os Estados Unidos no dia seguinte a seu depoimento diante da Comissão de Inquérito sobre as Atividades Antiamericanas; chega a Zurique antes de encontrar-se definitivamente em Berlim (Didi-Huberman, 2017, p. 16-17).

Didi-Huberman traça a rota dramática de exílio de Brecht para reafirmar, em seu texto, que apesar das dificuldades enfrentadas pelo poeta e dramaturgo alemão, ele decide “fazer de sua situação de exílio uma ‘posição’ e desta um ‘trabalho’ de escritura, de pensamento, apesar de tudo” (Didi-Huberman, 2017, p. 17). Esta posição é chamada pelo autor de “posição do exílio”, ou de “vida mutilada” invocando as palavras de

Adorno para a conversa. O *Diário de trabalho* de Brecht é algo entre poemas, pequenos versos, ou mesmo um diário no formato mais íntimo, seja através de fotos que saem do jornal, seja através de apenas uma folha em branco e seus pensamentos e vivências.

Seria terrivelmente difícil descrever meu estado de alma, quando, depois de ter acompanhado a batalha da Inglaterra, pelo rádio e pela medíocre imprensa finlandesa-sueca, escrevi *Puntilla*. Esse fenômeno moral explica igualmente que tais guerras possam existir e que o trabalho literário possa continuar. *Puntilla* não me concerne em quase nada, a guerra menos ainda; posso escrever quase tudo sobre *Puntilla*, nada sobre a guerra. Não penso somente no direito de escrever, penso realmente também na “capacidade” de escrever. É interessante ver como a literatura é relegada, enquanto práxis, a tal distância dos acontecimentos dos quais tudo depende (Brecht, 1940, p. 103 *apud* Didi-Huberman, 2017, p. 26).

Essa passagem ilustra bem o quanto Brecht conseguia mesclar as suas impressões de leituras e seu olhar atento à guerra em curso, ao mesmo tempo em que fala de si próprio, do seu trabalho, dos seus pensamentos, das suas filosofias sobre literatura.

Fig. 1 – Prancha 47 de *Kriegsfibel*, B. Brecht, 1955



Fonte: Didi-Huberman, Quando as imagens tomam posição, 2017

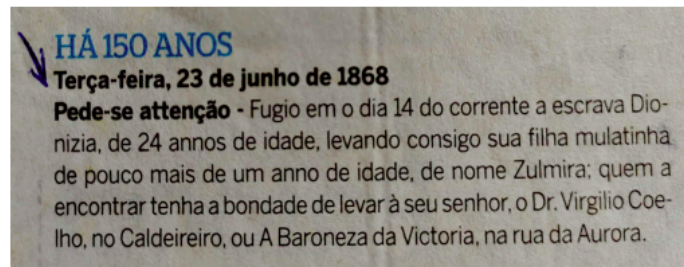
## 2 INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE E SEU *ESCRITOS DAS ESCRAVIDÕES*

Da outra ponta do século XX e do globo, encontramos o livro *Escritos das Escravidões* (2021), de Inaldete Pinheiro de Andrade. A obra, saída apenas em e-book, faz parte de um duo de livros, e é irmão de *Escritos das liberdades* (2021), tendo ambas obras sido lançadas ao mesmo tempo. Inaldete Pinheiro de Andrade, escritora potiguar e uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado do Recife, sendo militante negra-feminista desde a década de 70, fez uma reunião de diversos textos seus, escritos em épocas distintas, que são parte do seu *diário de leituras* de mais de 30 anos. A autora é uma leitora compulsiva, não só de literatura e obras que toquem a situação da população negra brasileira, mas também dos jornais impressos da cidade do Recife, onde mora desde os seus 20 anos (hoje tem 78). Inaldete lê todos os jornais da sua região, anota, recorta e guarda as principais notícias que toquem a população negra, sejam positivas ou negativas, sejam esperançosas ou com vieses de atrasos.

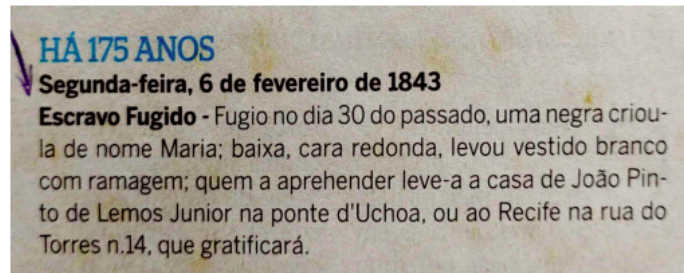
Em *Escritos das Escravidões*, a escritora e militante traz uma série de textos que escreveu sobre acontecimentos e matérias jornalísticas que abordam o tema da escravidão de pessoas negras em terras brasileiras. Usa também de imagens, recortes de jornais que colecionou ao longo do tempo para provar seus pontos, seus argumentos. Mas, ao contrário de Brecht, não tece pequenos comentários, mas sim destrincha algumas matérias de jornal através de longos textos argumentativos, opinativos, perpassando também, por suas próprias vivências, suas próprias experiências. Faz, como o autor alemão, uma mistura de *escrita de si* à escrita do mundo, às notícias do jornal.

Em capítulo intitulado “Escritos das Escravidões II”, Inaldete traz imagens de um projeto chamado *Diário na história* do jornal impresso *Diário de Pernambuco*, em 2018, onde o jornal traz matérias ou anúncios que foram divulgados nele mesmo há centenas de anos atrás. A autora recorta, em especial, anúncios divulgados “Há 150 anos” ou “Há 175 anos” de senhores escravocratas que buscavam por escravos fugidos ou desaparecidos.

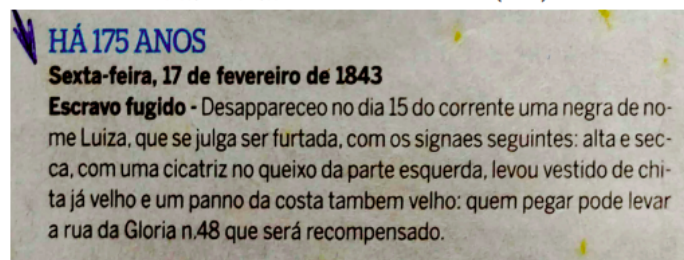
Figura 2 – Recortes do projeto *Diário na história* do *Diário de Pernambuco*, 2018



*Diário na história. Diário de Pernambuco (2018)*



*Diário na história. Diário de Pernambuco (2018)*



*Diário na história. Diário de Pernambuco (2018)*

Fonte: Inaldete Pinheiro de Andrade, *Escritos das Escravidades*, 2021

Com isso, Inaldete Pinheiro de Andrade traz à luz da atualidade, a História vivida pelos nossos antepassados, denunciando o maior crime do Estado brasileiro, que teve uma duração de mais de 300 anos, mostrando também o berço da nossa sociedade e nacionalidade, construído em cima de abusos e violência, e consegue demonstrar que ali iniciava o longo caminho do racismo entranhado em nosso país.

[...] vê-se nos anúncios um vocabulário grosseiro, com tendência a ridicularizar as feições da população escravizada: rara vez alguém é bonito; anuncia com naturalidade as marcas de castigos; ausência de cuidados com a saúde, independente da idade, atingindo inclusive os mulatos bastardos. (...) adquiria-se a propriedade escrava, multiplicava o lucro através da produção do trabalho exaustivo, porém, não cuidava dele. E descaradamente tornava público nos anúncios com naturalidade (Andrade, 2021, s.n).

Na obra, a escritora também fala da sua própria experiência na literatura e no movimento negro, bem como faz um inventário de suas leituras de autores negros e negras, e sobre os assuntos imprescindíveis para a população afrodescendente.

[...] Iniciava-me na militância do Movimento Negro do Recife, em 1979, convidada, ou oferecida, a ir às escolas, fazia um esforço de contribuir com o debate através da história dos escravizados.

Aproximando-se os 100 anos da escravidão, fiz dois textos literários para que as crianças e jovens conhecessem uma história da escravidão que não lhes adocessem tanto, uma literatura baseada nas cantigas da escola (Andrade, 2021, s.n).

Inaldete, diferente de Brecht — que faz um *diário de leituras* contemporâneo, acompanhando a guerra em curso em sua própria época enquanto exilado de guerra —, tece o seu diário de leituras à marcha ré, trazendo à tona uma guerra mais antiga, tentando montar um quebra-cabeças que ainda tem muitas peças escondidas, e surge também enquanto uma exilada, assim como o autor alemão, mas uma exilada da diáspora africana, já que o exílio é “o estado de ser forçado a sair de sua terra natal e incapaz de retornar” (Exílio, 2026, s.n). Ainda que não seja literalmente o seu caso pessoal, o exílio de modo extensivo, pode ser atrelado à vida negra brasileira, vidas essas que ainda se sentem como exilados dentro de seu próprio país, cercados por uma biopolítica (Foucault) ou uma necropolítica (Mbembe) que persiste em sua exterminação. Exatamente por isso, Inaldete vê no resgate histórico uma forma de não morrer e de não deixar morrer (Foucault, 1999).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POSIÇÃO DE EXILADOS E OS DIÁRIOS DE LEITURA DE INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE E BERTOLT BRECHT**

É importante lembrar das palavras de Didi-Huberman que, falando sobre o *Diário de trabalho* brechtiano, coloca-o enquanto um “*work in progress* permanente, é um *working progress* da reflexão e da imaginação, da pesquisa e da descoberta, da escritura e da imagem” (Didi-Huberman, 2017, p. 23, grifos do autor). Enquanto Brecht faz um *work in progress* crônico, ao mesmo tempo em que a História que quer relatar acontece lá fora, no mundo, e chega até ele através das folhas finas dos jornais, o *work in progress* da autora potiguar é acrônico e também atemporal, busca construir uma parte da História que foi usurpada e que continua sendo alvo de tentativas de apagamentos. Em

seu diário de leituras, Brecht “não via nada sem *desconstruir* e depois *remontar*, por conta própria, a fim de melhor expô-la, a matéria visual que havia escolhido examinar” (Didi-Huberman, 2017, p. 30); o mesmo pode ser dito dos *hupomnêmata* de Inaldete Pinheiro de Andrade.

Ambos os autores assumiram uma *posição* em seus exílios. Ainda que cada um a seu tempo e em diferentes formas de *exílio*, os dois denunciaram os crimes de Estado que vivenciaram ou que ainda vivenciam: a Segunda Guerra Mundial travada pela Alemanha nazista, no caso do autor alemão, e a Diáspora Africana e Escravização de pessoas africanas, no caso da autora brasileira. E ainda que os dois escritores sejam separados por uma vala grande de identidades, períodos históricos diversos e formas de construir os seus textos, eles usaram de seus diários de leituras para desconstruir a História e tentar, de algum jeito, remontá-la.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Inaldete Pinheiro. *Escritos das Escravidões*. Recife: Castanha Mecânica, 2021.
- BRECHT, Bertolt. *Diário de trabalho: Volume I (1938-1941)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- BRECHT, Bertolt. *Diário de trabalho: Volume II (1941-1947)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A posição do exilado: expor a guerra. In: DIDI-HUBERMAN, Georges; tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. *Quando as imagens tomam posição*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- EXÍLIO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ex%C3%ADlio&oldid=66885166>>. Acesso em: 28 jan. 2026.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si [1983]. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1ª edição, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglefindmkaj/https://ppgjs.uff.br/wp-content/uploads/sites/81/2021/06/Em-defesa-da-Sociedade.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MACHADO, Anna Rachel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.